

# MARTE VIVA

DIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO A. SANTOS

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 3 — PREÇO 3\$50 — 9/7/76 (Avençado)

## NOGUEIRA DA REGEDOURA

### como se vive à nossa porta

Não é difícil ir a Nogueira. Apesar de pertencer ao concelho da Feira, de Espinho pela estrada para o Picoto são só meia dúzia de quilómetros. É por isso ponto de passagem obrigatória para muitos dos que trabalham nesta região. Mas quantos de nós e mesmo daqueles que por lá passam quase todos os dias sabem o que é Nogueira da Regedoura, o que faz, como vive, de que vive a sua população?

Muitos dirão: «Oh, é uma freguesia igual às outras!» Mas para além do muito em comum que possa ter com outras povoações que conheçamos melhor, não terão os nogueirenses aspirações muito próprias, não merecerá essa população, talvez um pouco esquecida, alguma da nossa atenção e mesmo da nossa solidariedade para com a sua luta por um dia a dia cada vez melhor?

Nós julgamos que sim. E não nos comecemos já a acusar de paternalistas. O que desejamos é chamar a atenção para a necessidade de as pessoas compartilharem os seus problemas, de modo a auxiliarem-se mutuamente na sua resolução, de se acompanharem nos sucessos e insucessos, em suma, de abandonarem o círculo restrito dos seus interesses pessoais.

E foi levados por estas ideias, que nos deslocámos a Nogueira da Regedoura, para aí falarmos com a Junta local e ficarmos assim com uma ideia geral do que por lá se passa.

Fomos atendidos pela Comissão

Administrativa da Junta de Freguesia de Nogueira da Regedoura, na pessoa dos senhores Alberto Oliveira e Silva, Joaquim Pereira de Sá e Manuel Rodrigues de Oliveira, com quem falámos durante cerca de uma hora. Muitos assuntos mencionados nessa conversa mereceriam uma maior atenção. Para eles reservaremos o espaço devido no nosso jornal em números próximos. Entretanto vamos ao que por agora vos temos para dizer.

#### QUEM SÃO OS NOGUEIRENSES

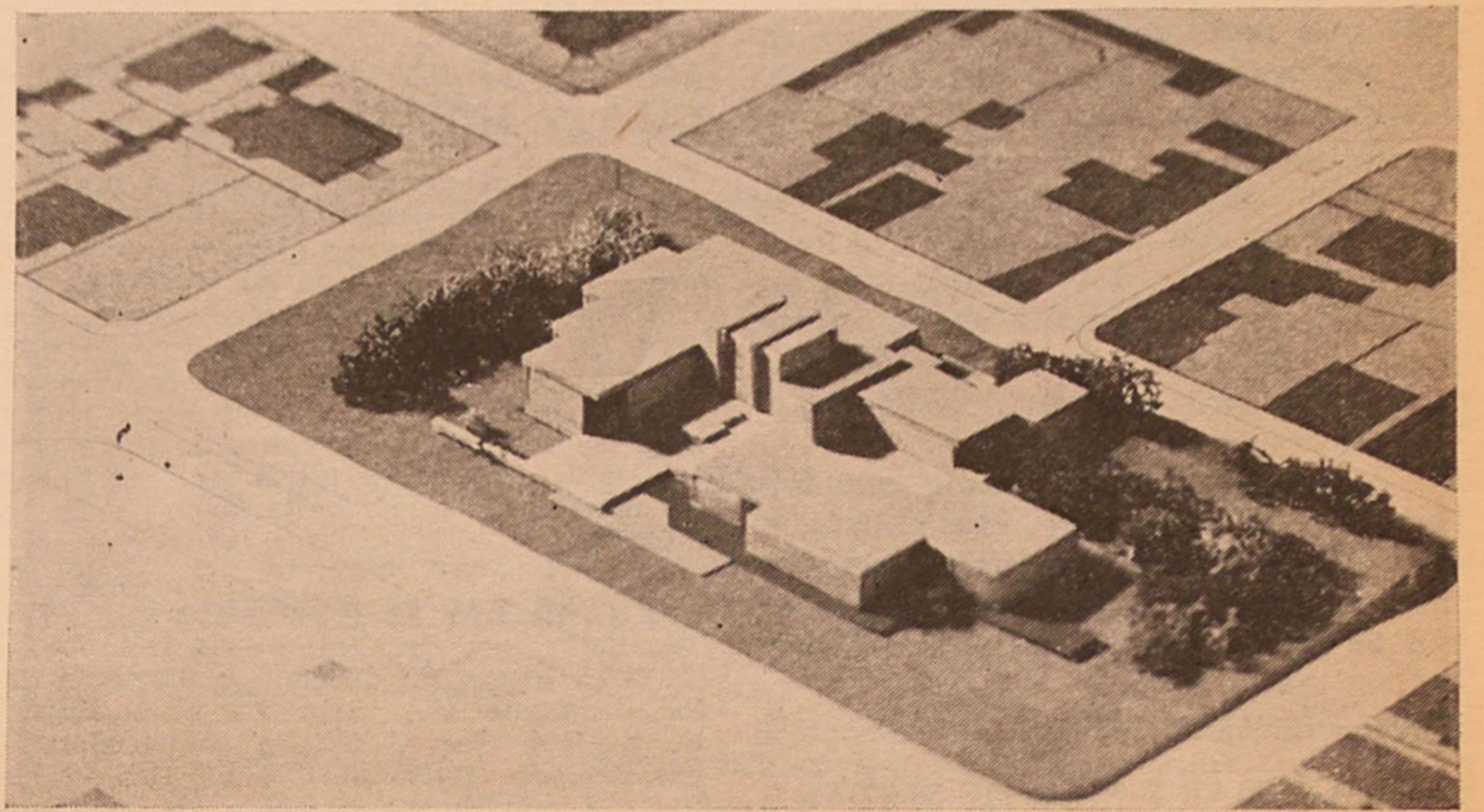
São cerca de 3700 os habitantes de Nogueira, na sua grande maioria operários, que se dividem sobretudo por Oleiros, Espinho e Grijó. A agricultura ocupa também algumas pessoas, mas que dela não tiram mais do que uma parte do sustento da família. A exemplo do que acontece com a maioria dos agricultores do Norte, a exploração agrícola não chega para manter o agregado familiar. Sucede mais geralmente que as pequenas propriedades rurais são trabalhadas pela mulher que assim dá a sua ajuda ao homem que está empregado.

É de salientar o alto índice de emigração que, disseram-nos, é dos mais elevados do País. França, Alemanha e principalmente Venezuela são os mais procurados. Dá-se mesmo o caso de cerca de 50% (!) dos chefes de família noguei-

(Conclui na pág. 3)

## CORTE DE ENERGIA O QUE SE PENSA

(Página 3)



## CASA DA JUSTIÇA

O processo para a construção da Casa da Justiça continua a avançar. Apresentamos hoje em primeira «mão» aos nossos leitores uma imagem da maquete do edifício a construir.

Constituem a Casa da Justiça os seguintes blocos de funções:

- Judicial — abrangendo sala de audiências, biblioteca, gabinetes dos juizes, dos delegado

e subdelegado, de instrução de processos, de exames médicos, para as testemunhas e serviços administrativos;

- Instalações prisionais e residência do oficial porteiro;
- Conservatórias do Registo Civil e Notariado.

A estimativa geral do custo de construção é de 22.042.500\$00.

## GRIJÓ MINISTÉRIO VAI BEVER AUTO-ESTRADA

Como noticiámos largamente no nosso número zero, a população de Grijó, especialmente a do lugar de Murraceses, levantou-se contra uma decisão superior, que faria com que a nova auto-estrada fosse passar por aquele lugar destruindo 14 moradias e pequenas propriedades. Esta alteração fora introduzida para não se cortar uma «fatia» da quinta do Mosteiro e contou com o apoio da BRISA, empresa construtora da auto-estrada.

Na sequência da luta pelos seus legítimos direitos, dois elementos da Comissão de Moradores de Murraceses, acompanhados por membros da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia, tiveram uma entrevista com o ministro das Obras Públicas. Este declarou ignorar as circunstâncias que rodeavam o assunto e prometeu mandar rever o processo.

Aguardam-se conclusões na próxima semana que, espera-se, virão fazer justiça aos moradores de Murraceses.

## quem se lixa é o mexilhão

E é mesmo, exemplos não faltam. Aqui vai mais um: conforme demos a conhecer aos nossos leitores na passada semana, a Associação de Moradores da Marinha tem-se defrontado com graves problemas nas suas tentativas para melhorar as condições de habitação daquele populoso bairro. E, na opinião dos elementos da Associação, grande parte das dificuldades vem da falta de acordo entre as duas entidades que mais podiam ajudar na resolução da situação: a Comissão Administrativa da Câmara e o S.A.A.L. As boas(?) razões de uns e de outros não escondem o fundo da questão — dois anos depois, tudo continua igual na Marinha! Entre as razões de uns e outros, QUEM SE LIXA É O MEXILHÃO!

# Notícias • Notícias • Notícias

# CINEMAS

## DE ÓCULOS ESCUROS, NUM CARRO AMARELO...

Foi ali, no parque de estacionamento em frente do Praia-Golfe. Ele chegou, óculos escuros e pose de corredor, agarrado ao volante do seu carro amarelo com jantes especiais. Acelerou, fez um peão (deviam estar meninas a ver, era preciso impressionar...), na passada fez ainda outro. Eu, coitado, por pouco não apanhei um piparote que me mandaria para o hospital. Tudo muito lindo. Ao pé de mim, um agente da P.S.P. seguia as piruetas, surpreendido com a ousadia e desfaçatez de quem fazia uma coisa daquelas mesmo «nas suas barbas». Fez paragem. Ainda o motor fazia barulho, já o condutor saía disparado pela porta fora e batia nas costas do polícia: «Desculpe, sr. guarda... desculpe... sabe, isto acontece... não foi por mal... não volto a fazer isso...» O agente ouvia. E continuava atônito: «Então o sr. não me viu aqui? Foi mesmo a provocar!...» «Não foi, não, sr. guarda... eu não o tinha visto... aconteceu... meti a 1.º e o carro fugiu... aconteceu, sr. guarda... desculpe... desculpe...»

Apareceu gente. «É muito bem feito! Multe-o, sr. guarda». Mas o homem continuava a pedir desculpa, com a cara mais inocente deste mundo. Quase se pôs de joelhos. O guarda ouvia. E desculpou. Foi pena...

## HÁ MAR, MAR E MAR DE MATAR...

O mar é perigoso, dizíamos no noticiário da última semana. Não foram precisos mais de dois dias para que ele, com as vestes de manso que envergou na última semana, o confirmasse uma vez mais. A vítima, um jovem trabalhador com 19 anos, morador em Silvalde, desapareceu sob a vista dos seus mais próximos familiares — o pai e a esposa — para não mais ser visto.

Antecedentes: uma refeição, um mar tentador, uma digestão por fazer. Corolário: Um pai desesperado, uma jovem viúva e um órfão com apenas 7 meses.

A fechar, um barco de salvamento, atrazado, denotando pouca eficácia, nas buscas, que preencheu um resto da tarde de domingo às centenas de mirones que se deslocaram ali, um pouco para sul das festas a S. Pedro.

## UMA PAIXÃO — CONDUIZIR!

Desde o conduzir um fórmula 1 a um carro vulgar, a sensação da velocidade apaixonou muita gente. Tanto apaixonou, que muitos nem olham aos melos para atingirem o fim — conduzir. Foi o que fez Ismael Henriques Pereira de 23 anos, solteiro e residente no lugar da Igreja em Lourosa: esqueceu que para conduzir é necessário ter carta de condução. Teve azar. A polícia apanhou-o e mandou o caso para o tribunal de Espinho. É mais um dos muitos casos de condução sem licença.

## MORTO DESCONHECIDO

Apareceu morto no passado dia 3, num pinhal da Idanha, um indivíduo já em adiantado estado de decomposição. Do macabro achado, têm sido baldados os esforços para encontrar identificação e razões da permanência no local. Há indícios de suicídio. A polícia investiga.

## ANTA — O «CAMINHO DO LEAL» ESTÁ A ANDAR

Após dois anos de porfiadas diligências, foram, no último domingo, assentes os últimos pormenores para o início das obras na Carreira Nova ou «Caminho do Leal» como também é referenciada. Foi coroada de êxito a deslocação que elementos da Junta fizeram ao local para acertar com os proprietários os cortes a fazer nos terrenos marginais. Os alinhamentos já foram iniciados e as obras de desaterro não tardarão — está a andar.

## «FÉRIAS EM PORTUGAL»

Um grupo de desconhecidos, pelo calor da tarde (do meio dia p'ras duas), no hesitou em abrir um carro alemão, estacionado junto do hotel PraiaGolfe, para o aliviar de objectos de utilidade diversa: desde a carta de condução a 600 marcos alemães, passando pelo livrete, o passaporte e 6.000 pesetas, tudo pertencente à súbdita alemã, Margit Schultz de 23 anos, solteira. Esta apresentou queixa na polícia e é possível que fique com muito más recordações desta visita a Portugal.

Quanto perde este turístico país com estas ocorrências...

## DESTA VEZ É PARA FICAR

Foi detido (mais uma vez) no passado dia 6, Luís Apolinário — o «Luís Assassino» — casado e morador no Bairro Piscatório. O detido mandou para o Hospital do Porto, após passagem pelo de Espinho, um indivíduo que agrediu à navalhada em sequência de uma natural desavença.

O Luís Apolinário, já muito conhecido na cidade pelas suas «aventuras», foi longe de mais, desta vez. A polícia remeteu o caso ao tribunal de Espinho e o mais certo é que o reputado «arrua-ceiro» encontre o lugar à sombra que há tanto parecia procurar.

## FARMÁCIAS

SEXTA — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

SÁBADO — Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

DOMINGO — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Telef. 920331

SEGUNDA — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

TERÇA — Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Telef. 920320

QUARTA — Grande Farmácia  
Rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

QUINTA — Farmácia Teixeira  
R. 62 n.º 457 — Telef. 920092

## A COMISSÃO DE PAIS DA ESCOLA DA FEIRA NÃO DESARMA!

Ouvimos altifalantes e fomos lá, ver o que era: no parque havia teatro de fantoches, para gáudio da petizada. E além dos fantoches houve também palhaços, música e uma distribuição de lanches a todos.

Tudo isto foi mais uma realização da incansável Comissão de Pais da Escola da Feira que, apesar de ter visto decrescer o seu número de elementos activos (o que é altamente lamentável), continua «na brecha».

Falando com um dos elementos da Comissão, soubemos que as celebrações do Dia Mundial da Criança em Espinho tiveram grande aceitação pelas crianças que manifestaram as suas reacções numa pequena exposição de desenhos sobre tal tema. Informou-nos também o mesmo elemento que para o próximo ano lectivo a coeducação será finalmente uma realidade tanto na escola da Feira como na da Rua 23.

## ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO EM ESPINHO

No passado dia 1, a Orquestra Sinfónica do Porto, da Radiodifusão Portuguesa, veio até nós, dando um concerto no Grande Casino de Espinho, incluído nas actividades culturais da Solverde. Foi dirigida pelo maestro Ivo Cruz e foi solista a violinista Yoshiko Arai.

Pudemos ouvir uma abertura do compositor português barroco Carlos Seixas e em seguida um concerto de Mozart, para violino e orquestra, no qual vibrou a excelente solista japonesa.

Seguiu-se, já na II parte, uma obra muito interessante baseada nos solos ciganos — Tzigane de Ravel (com solo de violino, pela mesma violinista); terminou este concerto com a Sinfonia n.º 2 de Sibelius (somente os dois últimos andamentos).

## Nós e o Leitor

De um espinhense a viver em Queluz por razões profissionais, o pintor Fernando Cruz, recebemos uma carta que entendemos mais como desafio do que como elogio. Tentaremos corresponder aos incentivos dos nossos leitores:

«Amigos,

Felicito a equipa que teve a coragem de avançar com um jornal progressista em Espinho. De facto, o aparecimento de jornais, cooperativas, centros de cultura populares, ou outros organismos que se proponham defender os interesses das classes mais desprotegidas e exploradas da sociedade são rudes golpes nas forças reacçãoárias do País.

A imprensa regional tem um grande papel a desempenhar nesse campo. Parabéns portanto. Desejo, a partir de hoje, fazer-me assinante do nosso «MARÉ VIVA».

## FOTOCÓPIAS

RANK XEROX

J. OLIVEIRA

Rua 19 n.º 401.1.º — Telef. 920093

## S. Pedro

Dia 9, Sexta-Feira — Execução — Maiores de 18 anos.

Executados são diariamente centenas e centenas de metros de película, que bem poderiam ter melhor aproveitamento.

Dia 10, Sábado — Breve Paixão — Maiores de 13 anos.

Ainda gosta de «belas história de amor» que se «dirigem ao coração»? Como não temos nada contra o amor, aproveite.

Dia 11, Domingo — Um Filho por Encomenda — Maiores de 18 anos.

A «um filho por encomenda» corresponde um filme feito em série, o que equivale a dizer que não merece a nossa atenção.

Dia 13, Terça-Feira — Resgate — Maiores de 18 anos.

Como já vem sendo hábito nestes filmes que metem polícias e assassinos, os bons são invariavelmente os primeiros e maus os segundos.

Será que esta regra não terá excepções?

Dia 14, Quarta-Feira — 67 Dias — Maiores de 18 anos.

Diz a propaganda que se trata da resistência do povo jugoslavo à invasão do exército nazi, alemão, durante a última guerra.

Será mais uma mistificação da guerra ou uma visão correcta da mesma?

Dia 15, Quinta-Feira — A Minha Inacreditável Cunhadinha — Maiores de 18 anos.

Aos insaciáveis de bons filmes não convirá muito irem saciar-se com produtos destes.

## Casino

Dia 9, Sexta-Feira — Duelo de Puros — Maiores de 18 anos.

«Que fique bem esclarecido que não se trata de cinema nem de artes marciais, mas sim da simbiose, a todos os níveis de duas formas de exploração; que nem o cinema explora as artes marciais ou vice-versa, mas que ambos são deturpados por indivíduos de poucos escrúpulos, que esses sim exploram o público».

Dia 10, Sábado — Uma Ilha no Tecto do Mundo — Maiores de 6 anos.

Dia 11, Domingo — O mesmo filme.  
Dia 12, Segunda-Feira — O mesmo filme.

Estarão as crianças eternamente condenadas a verem destas produções, onde o Tio Sam, por intermédio do seu servidor Walt Disney, (des)educa as boas crianças na senda da moral americana?

Dia 14, Quarta-Feira — Os Corpos Celestes — Maiores de 18 anos.

Uma história manhosa sobre viagens, não viagens, bordéis, «machos» e «não machos». Uma saladá tão indigesta que nem o bicabornato nos salva.

Dia 11, Quinta-Feira — Entre Duas Margens — Maiores de 14 anos.

A quinta-feira um dilema entre duas margens: ir ou não ir ao cinema. Se for arrisca-se a ser engolido por vagas monstruosas de mau cinema. Opte por outra coisa qualquer.

## Paramos

O Invencível

Como de costume, no Kung-Fu, nada de novo!

Chamariz de Saias

Não caia na ratoeira de ir atrás destas salas.

## MARÉ VIVA

### SEMANÁRIO

Propriedade:

«NASCENTE» — Cooperativa de Acção Cultural

Redacção — Apartado 43  
ESPINHO

Director

António A. Santos

Fizeram este número:

Adriano Cardoso — Ana Maria — António Capelo — António Letra — António Santos — Ema Letra — Augusto Mota — Fausto Neves — Jorge Catarino — José Carlos Gonçalves — Laura Gaio — Laurinda Cunha — Manuel Lopes — Márcio Candoso — Morais Gaio — Nuno Barbosa — Vale Sousa

Colaboração especial:

Albertino Pinheiro — Chaves — Pina Cabral

Composição e Impressão

Oficinas Gráficas  
da Casa Nun'Álvares — Porto

## MARÉ-RUA

CORTE DE ENERGIA  
o que se pensa

A «civilização» acordou.

De «bigoudis» eléctricos na franja despenteada, prime um botão. Salta o sabonete que vai espumando ao contacto com a água, tépida, sempre à temperatura desejada, sempre agradável.

Os caracóis esvoaçam nas lufadas do secador eléctrico.

Ao lado, uma «Philishave» (3 cabeças) ronrona mornamente sobre uma barba dura e de pêlos quebrados da noite.

No fogão eléctrico ferve doidamente o leite.

As fatias de pão saltam compassadas e elegantes da torradeira para cair no boião da manteiga.

São 8 horas. O elevador desce.

São 8 horas. O apito da fábrica soa.

As máquinas, silenciosas, esperam o premir dum botão.

Durante o dia inteiro corpos veiam as mandíbulas viscosas e férreas das rodas dentadas.

Mais uma vez uma campainha toca. Dos grandes portões às pequenas casas, gente come, gente lava apressada na pia sem água corrente.

O rádio a pilhas transmite:

«Cortes temporários de energia. É necessário restringir os gastos. Poupar».

O Estio faz-se sentir duramente.

França — impossibilitada de nos fornecer energia.

Cortes temporários de energia desde o início da semana: uma das medidas adoptadas pela Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos.

Indústria, sector grandemente afectado.

Como reagem as pessoas?

Como encaram elas este problema?

*Acho mal, pois acho mal. Muitas casas têm fogões a electricidade e quando forem a fazer o comer para os maridos não podem. E nas fábricas...*

*Por exemplo no Violas, na Cetap, têm que parar. É um problema.*

*Acho mal. Isto é uma coisa ruim.*

(cantoneiro)

*A energia é uma coisa que nos faz muita falta, portanto, acho que não deviam cortar. Claro que há problemas, deve fazer muita falta nas fábricas e se já há desemprego assim ainda é pior.*

(emp. da escola)

*A mim não faz falta. Passo muito pouco tempo em casa e também no local onde trabalho não me é precisa.*

*A nível geral considero que faz falta e até já ouvi dizer que há patrões que nas horas em que a energia faltar estes não pagam aos empregados. Ora, não acho isso bem. Se o patrão não tem culpa os empregados também não... Na minha opinião pagaria o Estado, agora não sei como resolverão isso.*

(profissional de seguros)

*Eu não acho nada bem, pelo menos estas pessoas que têm fogões eléctricos e máquinas para trabalhar, etc.*

*Imagine que de repente precisamos da varinha mágica ou de bater umas claras, que é uma hora em que ainda deve estar cortada. Para lavar a roupa isso ainda podemos escolher a hora e lavar noutra altura. Mas faz muita falta...*

(dona de casa)

*Se não há devia-se restringir nas horas em que menos falta faz.*

*Temos que sofrer todos, pois se não há temos que nos sacrificar... É assim mesmo.*

(comerciante)

*É preciso começar a haver colaboração de todos porque de contrário qualquer dia isto é uma catástrofe.*

*Tem que haver colaboração de todos senão não se vai a lado nenhum...*

(estudante)

## NOGUEIRA DA REGEDOURA

(Continuação da pág. 1)

renses estarem ou terem estado na Venezuela.

Mas contrariamente ao que seria de esperar, a população tem vindo a aumentar a olhos vistos. E a explicação estará no facto de a freguesia estar rodeada por uma zona industrial e ser por isso procurada por operários que noutra local não se conseguem instalar.

Propriamente dentro da freguesia, os postos de trabalho são muito escassos. A indústria é representada por pequenas empresas (uma fábrica de móveis, duas serrações, uma tipografia, uma serralharia) que no conjunto não chega a ocupar 100 pessoas. O comércio é, à parte pequenas mercearias, praticamente nulo.

Entretanto, como acontece por todo o lado, as crianças constituem uma parte importante da população. Que se passa com as crianças em Nogueira?

IR A ESCOLA, VIR DA ESCOLA E...  
QUE FAZER?

Há mais de 300 alunos na instrução primária. As instalações são a tal ponto exiguas e deficientes que as salas estão permanentemente ocupadas por vários turnos que chegam a preencher as horas do almoço e do jantar. Felizmente que

o problema está em vias de resolução. Graças aos esforços da Junta e da população, está já garantida a construção de oito salas de aulas no lugar de Pousadela e procura-se, com todas as probabilidades de êxito, a construção de outras tantas salas no centro da freguesia.

E quanto ao ensino nada mais.

Pediu-se a Telescola, mas não se conseguiu por falta de instalações.

O ciclo também é uma aspiração (e justificava-se), mas a Direcção-Geral do Ensino Básico indeferiu os pedidos que se fizeram nesse sentido, alegando a existência do ciclo de Lourosa.

A população estudantil que abandona a instrução primária é assim forçada a frequentar estabelecimentos de ensino fora da freguesia, sobretudo em Espinho, no Liceu e na Escola Industrial e Comercial.

Como vemos, a criança não está muito protegida quanto a educação. Mas o problema mais grave é o da ocupação dos seus tempos livres. Para já não falarmos da falta de creche ou infantário, a ausência dum parque infantil, de recintos adequados para a prática de desporto lança as crianças para o seu centro de diversões: a rua.

Os mais crescidos, a quem a rua já não oferece atractivos, começam a fre-

## FESTAS DE VERÃO

## Comissão de Festas

Durante o mês de Julho serão várias as realizações integradas no Programa das «Festas de Verão», da responsabilidade da Comissão de Festas de Espinho. Até ao último dia do mês será possível a entrega dos originais dos concorrentes ao «Concurso de Poesia», «Conto» e Poster», subordinado ao tema: Espinho e sua zona de influência turística, o qual motivará o interesse de muitos espinhenses.

Outras realizações já asseguradas:

## Organizações A. A. E. / S. C. E.

## JULHO

9 — 1.ª Eliminatória do 3.º Festival de Intérpretes.

16 — 2.ª Eliminatória do 3.º Festival de Intérpretes.

24 — FINAL do 3.º Festival de Intérpretes.

## AGOSTO

(a) — 7 — Baile da Juventude.

Dia 7 — Concerto pela Orquestra Gulbenkian

9, 16 e 24 — III Festival de Intérpretes

14 — Convívio Campista

17 — Abertura da Feira Popular

18 — Concurso de Lançamento do

Balão

23 — Espectáculo pelo Orfeão da Madalena

31 — Torneio Internacional de Halterofilia

## Organizações A. A. E. / S. C. E.

(a) — 14 — Tradicional «Noite de Agosto».

21 — Fato de Banho 1900

28 — Concurso Vestido de Chita.

## SETEMBRO

11 — Festival de Intérpretes Infantil

18 — Concurso de Danças

25 — Vestido de Chita (infantil).

Sábado, às 15,30, na Avenida 8

## FESTA INFANTIL

7 aos 12 anos

## Descrição dos Obstáculos:

1 — Corrida com Colher e Ovo; 2 — Trincar Bolacha; 3 — Atravessar Túnel de Plástico; 4 — Corrida de Saco; 5 — Transpor Muro; 6 — Derrubar Latas; 7 — Sticar à Baliza; 8 — Corrida para a Meta.

Penalizações em cada obstáculo — 5 pontos. Não fazendo qualquer obstáculo — 10 pontos.

A Organização reserva-se o direito de fazer quaisquer alterações na prova e de resolver todos os casos omissos.

Inscrições (10\$00) no Posto de Turismo à Rua 23.

Prémios: 1 BICICLETA (por sorteio entre todos os concorrentes)

1.º classificados — UM JOGO

2.º » — UM LIVRO

3.º » — UMA BOLA

Organização da Secção de Hóquei em Campo da A. A. E.  
Patrocínio da Comissão de Festas de Espinho

quentar os dois cafés da freguesia e caem inevitavelmente no uso do álcool.

E este problema assume proporções de tal modo graves, que os professores atribuem ao abuso do álcool o baixo rendimento escolar dos seus alunos.

A população de Nogueira tem consciência da gravidade deste problema e já está a trabalhar para a construção de um salão paroquial para a apresentação regular de espectáculos e outras iniciativas, não só para as crianças como para os adultos, para quem as distrações também não são muitas. É igualmente provável a instalação de um parque infantil junto a esse salão. Saliente-se que este conjunto não ficará como propriedade da paróquia, mas sim da freguesia. E a assistência médica? Não existe.

E A ASSISTÊNCIA MÉDICA?  
NÃO EXISTE!

É verdade. Não há qualquer posto médico em Nogueira. Então onde recorrem os nogueirenses? A Espinho, ao Posto da Caixa de Previdência, e a Moselos a um posto clínico que serve sobretudo as pessoas ligadas à agricultura. No caso de ser necessário internamento a população recorre aos hospitais de Espinho e Oleiros.

Apesar de a abertura de um hospital não ter qualquer viabilidade a curto prazo, têm vindo a desenvolver-se esforços para a abertura de um posto clínico no lugar de Pousadela para o que já se dis-

põe de instalações. Uma velha aspiração a que não tem sido estranha a actividade da Comissão de Moradores do lugar, que, embora com dificuldades, tem estado ligada a alguns melhoramentos, como é o caso da abertura das novas salas de aula e do arranjo de arruamentos.

Da actividade desta Comissão procuraremos dar maior relevo num próximo número.

Irão igualmente merecer uma maior atenção no nosso jornal as deficientes condições higiénicas das habitações do lugar do Caramulo e que estão no primeiro lugar das preocupações da Junta.

É tudo por hoje. Com uma certeza: de que não ficaremos por aqui. De que, como sucede em relação a toda a população desta região, a de Nogueira de Regedoura terá no «Maré Viva» um porta-voz dos seus anseios e um acompanhante atento das suas lutas.

## Publicidade

O jornal não pode viver sem publicidade.

Daqui lançamos aos amigos um apelo para nos ajudarem angariando anúncios.

Entretanto «MARÉ VIVA» publicará gratuitamente os anúncios de pedido de emprego.

# A N O E S C O L A R

## COMO FOI NA ESCOLA PRIMÁRIA

Hoje vamos falar um pouco do ensino primário, completando assim o trabalho da última semana. Embora este grau de ensino não tenha sido tocado por todos aqueles problemas do ensino preparatório e secundário, a verdade é que passou um ano muito importante. Foi ano de transformação profunda, de inovação, de experiência. Daí a necessidade de reflexão, de balanço, para que o próximo ano seja ainda melhor.

Apresentamos aqui um depoimento pessoal. Como na semana passada, não pretendemos com isto esgotar o assunto, mas, pelo contrário, abrir o debate, provocar uma discussão ampla e construtiva a todos os níveis. Na impossibilidade de ouvir os membros da Comissão Pedagógica, que neste momento já não existe, colhemos as impressões do professor Gil Rosas, pessoa muito conhecida pela sua dedicação a todas estas questões do ensino primário. Eis o que nos disse sobre o ano que passou.

«Falar deste ano é falar das profundas inovações introduzidas, de entre as quais destaco o novo sistema de avaliação, caracterizado pela divisão em fases de aprendizagem (e não classes). Este sistema levantou alguns problemas, até pela novidade de que se revestia. Qual o seu objectivo? Evitar a repetência e procurar a recuperação de crianças que, por dificuldades de ritmo de aprendizagem, não poderiam vencer uma etapa de 9 meses, que era a antiga classe. A criança tem agora outras possibilidades, pois pode dispor de um período de 18 meses para vencer as dificuldades. Com isto pretende-se respeitar o ritmo próprio dos que andam mais depressa e dos que andam mais devagar.»

— Qual o papel do professor?

«Claro que tudo isto exige bastante do professor: mentalização, preparação, etc... Bem vê, foi um sistema novo, com programas também novos, que permitiam uma grande liberdade do professor mas que igualmente podiam desculpar a negligência de alguns. Entretanto, quero vin-

car que os professores, na quase totalidade, se esforçaram; se mais não produziram, foi porque era o primeiro ano e a própria preparação não o permitiu.»

— E outras dificuldades? Fala-se por exemplo da falta de apoios, de deficiências materiais...

«Bem, volto a lembrar que isto foi um ano de experiência. Quanto a material, houve realmente dificuldades. O apoio superior foi reduzido e tardio. Entretanto, aconselha-se os professores a elaborarem por si mesmos, com coisas simples, o material de que necessitam.»

Os novos programas também suscitaram algumas dificuldades. Julgo que há conteúdos, mas não há objectivos bem clarificados. O espírito é bom, é inovador, aponta para a escola aberta, mas os objectivos são pouco definidos. Da mesma maneira, por vezes sentese a falta de algumas linhas de orientação mais concretas, sem contudo cercar a liberdade e criatividade dos professores.»

— Em suma, poderá dizer-se que a experiência foi boa e nos dá razões de optimismo para o próximo ano?

«Sim, parece-me que há boas perspectivas para o futuro. A experiência permite-nos alimentar a esperança de que os próximos anos serão cada vez melhores, com todos os professores mais integrados na modificação de que a escola precisa, tendo em vista o maior respeito pela pessoa humana, vendo na criança o sujeito e não o objecto da educação. Parece-me que se deram os primeiros passos em ordem ao trabalho de pesquisa permanente que deve orientar os professores. No fundo pretende-se que a escola, lugar de trabalho, seja posta ao serviço da comunidade, sobretudo preparando as crianças para no futuro serem elementos bons e actuantes dentro da sociedade. Esta escola, forja dos homens que nos segurão, terá que ser uma escola onde também o professor aprende com a criança, uma escola integrada no meio e participando juntamente com outras estruturas no progresso das coisas.»

# OPINIÕES

Falando de escola, fomos ouvir pais.

E também miúdos, naturalmente.

«Acho bem os novos programas, mais dirigidos à vida, à experiência pessoal, à prática. A minha filha teve bom aproveitamento... No entanto, esta fase de transição para este novo método de trabalho é difícil, quer para os professores, quer para os alunos. De qualquer forma o balanço é positivo, e é de se continuar no sentido da prática dos novos programas.»

Esta a opinião de um pai.

Agora a de uma filha. Chama-se Celeste, tem 8 anos, passou para o 2.º ano da 2.ª fase e veio de Angola:

«Gostei mais deste ano. O aproveitamento para mim foi melhor e passei para a 4.ª classe. Tive mais colegas. Gostaria que no próximo ano se fizesse mais do que este ano, por exemplo pontos, verbos, passeios a outras escolas.»

E o Zé (8 anos, 3.ª classe) é da mesma opinião?

«Gostei mais da escola este ano, pelas coisas novas que aprendi. Fomos até à praia festejar o Dia Mundial da Criança. Outras vi-

sitas, assim a fábricas ou outra coisa, não tivemos. Eu gostava de ter música na escola.»

Pai e mãe falaram juntos sobre o ano que passou:

«Sinceramente, acho que este ano foi um bocadinho melhor que o anterior. Este ano facilitaram muito porque não fizeram provas.»

O que agora há mais proveito, so é o trabalho manual que não existia antes.

As professoras têm que trabalhar, cumprir os horários como os outros trabalhadores. Há professores que desprezam os seus deveres e deviam ser punidos.

Achei muito interessante a ginástica que este ano houve nas escolas. O que não compreendo é porque não se fez passeio este ano da Escola da rua 23, o que muito nos desagradou a nós, pais, e às crianças.»

Uma última opinião, esta da Fátima (8 anos, 3.ª classe):

«Gostei mais deste ano porque aprendi mais. Fiz ginástica, trabalhos manuais, problemas. Fui passear, a pé, ao rio de Anta e visitámos também uma tipografia.»

Para o próximo ano gostaria que fizéssemos cópias, festas na escola, teatro como o que fomos ver, ginástica, etc.»

# T R A B A L H O C O N S T I T U I Ç Ã O

Tinhamo-nos proposto escrever sobre os problemas laborais do nosso concelho e ao mesmo tempo da nossa experiência como militantes sindicais, convictos de que uma boa forma dos trabalhadores avançarem realmente para a concretização de uma sociedade mais justa, será trocando as suas experiências de luta concreta por melhores condições de vida.

O avanço unitário dos trabalhadores na luta sindical, é condição basilar para a construção de uma sociedade de onde sejam banidos os exploradores.

Queremos aqui, antes de mais, fazer um esclarecimento: ao propormo-nos escrever sobre sindicalismo, não pretendemos dar lições aos nossos companheiros trabalhadores, mas sim estabelecer um diálogo aberto e colocar ao seu serviço as páginas do nosso jornal, certos de que iniciativas destas permitirão cimentar a nossa unidade e contribuirão para a vitória final.

Hesitamos na escolha do caminho para iniciar este diálogo, optamos pelo texto da Constituição Política da República. Esta nossa opção fundamenta-se no convencimento de que a defesa dos nossos direitos como trabalhadores passa pelo respeito pela Constituição Política da República.

defesa dos direitos que a mesma nos reconhece, contribuirá para a conquista de melhores condições de vida.

Não vamos agora, por falta de espaço, comentar os seus artigos, deixamos apenas a transcrição de alguns, com a promessa de que em próximos números procuraremos referi-los com mais pormenor.

### Princípios fundamentais

#### ARTIGO 1.º

(República Portuguesa)

Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na sua transformação numa sociedade sem classes.

#### ARTIGO 2.º

(Estado democrático e transição para o socialismo)

A República Portuguesa é um Estado democrático, baseado na soberania popular, no respeito e na garantia dos direitos e liberdades fundamentais e no pluralismo de expressão e organização política democráticas, que tem por objectivo assegurar a transição para o socialismo mediante a criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras.

#### ARTIGO 9.º

(Tarefas fundamentais do Estado)

São tarefas fundamentais do Estado:

- a) Garantir a independência nacional e criar as condições políticas, económicas, sociais e culturais que a promovam;
- b) Assegurar a participação organizada do povo na resolução dos problemas nacionais, defender a democracia política e fazer respeitar a legalidade democrática;
- c) Socializar os meios de produção e a riqueza, através de formas adequadas às características do presente período histórico, criar as condições que permitam promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo, especialmente das classes trabalhadoras, e abolir a exploração e a opressão do homem pelo homem.

#### ARTIGO 50.º

(Garantias e condições de efectivação)

A apropriação colectiva dos principais meios de produção, a planificação do desenvolvimento económico e a democratização das instituições são garantias e condições para a efectivação dos direitos e deveres económicos, sociais e culturais.

#### ARTIGO 55.º

(Comissões de trabalhadores)

1. É direito dos trabalhadores criarem comissões de trabalhadores para defesa dos seus interesses e intervenção democrática na vida da empresa, visando o reforço da unidade das classes trabalhadoras e a sua mobilização para o processo revolucionário de construção do poder democrático dos trabalhadores.

2. As comissões são eleitas em plenários de trabalhadores por voto directo e secreto.

3. O estatuto das comissões deve ser aprovado em plenário de trabalhadores.

4. Os membros das comissões gozam da protecção legal reconhecida aos delegados sindicais.

5. Podem ser criadas comissões coordenadoras para melhor intervenção na reestruturação económica e por forma a garantir os interesses dos trabalhadores.

#### ARTIGO 56.º

(Direitos das comissões de trabalhadores)

Constituem direitos das comissões de trabalhadores:

- a) Receber todas as informações necessárias ao exercício da sua actividade;
- b) Exercer o controlo de gestão nas empresas.

# Quem se lixa é o mexilhão

## A VERDADE DO SAAL A VERDADE DA CÂMARA

Para sabermos a posição do SAAL tivemos uma entrevista com cinco técnicos da brigada encarregada de procurar solução para o problema habitacional da Marinha.

Depois dum breve historial do que foi o SAAL desde o seu início, em Agosto de 1974, perguntámos qual tem sido a posição do SAAL perante a Câmara de Espinho, pois segundo parece as duas partes estão em litígio quanto à melhor solução a dar ao problema da habitação na Marinha.

Responderam-nos:

«A Câmara de Espinho tem como função primordial servir de intermediária entre o SAAL local e o Fundo de Fomento de Habitação sendo através dela que serão oficiados os pedidos de dinheiro destinado à construção de um determinado número de casas. A verba é avaliada pelos técnicos do SAAL local que conhecem profundamente a zona em questão. Ora o SAAL informou a Câmara onde é que esta devia ir buscar o dinheiro. Dentro do Orçamento do Estado existe uma verba cativa destinada à construção para distribuir às Câmaras. Já várias Câmaras pediram o subsídio e tiveram-no. E a Câmara de Espinho não pediu, alegando posteriormente que não tem poderio económico para o empreendimento que o SAAL deseja, quando na realidade tem, bastando para isso pedir a verba desejada».

Tinha-nos sido dito pela Associação de Moradores da Marinha que a Câmara estaria pronta a tomar conta do processo de construção desde que a população se desvinculasse do SAAL:

«Passando a estar ligado à Câmara, o processo de construção seria em moldes diferentes: assim neste caso seriam construídas habitações de carácter social, talvez do tipo camarário. Mas todo o dinheiro empregue nas construções seria reembolsado. Ora no processo SAAL não existe uma necessidade de reembolso total visto que é dada por cada fogo uma verba que é da ordem dos 90

contos; o nosso processo é totalmente diferente do dos bairros camarários. Não é só o alojamento que interessa às populações, mas em que condições lhes será garantida a habitação e por isso elas não estão interessadas em desligar-se do SAAL para se ligarem às Câmaras».

Ficamos certos dum diferendo que adivinhávamos desde a entrevista com a Associação de Moradores. Mas concretamente, que problemas legais existem para a Câmara não apoiar o processo para se avançar?

«O processo na Marinha de Silvalde está encravado devido apenas aos problemas postos pela Câmara relativamente às expropriações e isso atrasou tudo já em vários meses. No entanto, quer do Director Nacional do SAAL como do Secretário de Estado já nos informaram que o processo passará a avançar por cima da Câmara. As expropriações serão feitas directamente de Lisboa, o dinheiro será pago directamente de lá. E quando for necessária a participação da Câmara, no caso das infra-estruturas, ela receberá ordens de Lisboa para as fazer. Neste momento, o processo da Marinha é o mais antigo que entrou na Secretaria de Estado e é aquele que tem apresentado maiores problemas burocráticos».

Outro dos nossos interlocutores completou a resposta:

«Além disso a Câmara põe o problema deste modo: «nós concordámos com o processo SAAL, mas quando eles nos vêm pedir para assumirmos as responsabilidades, nós não o fazemos porque não temos conhecimento dos encargos de ordem financeira, não sabemos nada para nos podermos responsabilizar».

Este é o diferendo existente entre a Câmara e o SAAL: «a Câmara exige uma resposta legal que ainda não há. A resposta que o SAAL dá a isso é a seguinte: todas as Câmaras das zonas onde o SAAL já tem intervenção assumiram a responsabilidade; a Câmara de Espinho, não».

Quando contactámos a actual Comissão Administrativa da Câmara no intuito de nos ser explicada a sua posição face à questão da Marinha, imediatamente nos foi entregue o extenso «dossier» do caso, com todos os documentos existentes, numa afirmação de que por parte da Câmara nada há a esconder. E a leitura dos muitos officios cedo nos convenceu de que o entendimento entre a Câmara e o SAAL está longe de ser perfeito.

Os mal entendidos começaram logo de início, quando o SAAL avançou para a construção de 12 prefabricados destinados a várias famílias ciganas. E desde então nunca mais se conseguiu a conjugação de esforços que seria tão necessária para se tentar resolver o grave problema da habitação na Marinha, e que até podia ser o ponto de partida para actua-

ções semelhantes noutras zonas. Sim, é que neste concelho o direito a habitação condigna ainda é, infelizmente, uma coisa por que muito se terá que lutar.

Entretanto, é certo que quando a Câmara enviou, para os competentes serviços do Ministério da Habitação, o processo de expropriação da zona do bairro onde o SAAL pretendia desenvolver o seu plano de construção e reparação de casas, a sua posição foi favorável, escrevendo a propósito: «a intervenção integra-se na previsão do plano de urbanização para a respectiva zona, pelo que não se vê qualquer impedimento no prosseguimento da mesma».

Tudo bem, então? Pois parece que não. É que à Câmara veio a ser atribuída, por força da lei, a responsabilidade pelo desencadear do processo de expropriação e pela operação no seu total. O que quer dizer que a Câmara se viu, de repente, a braços com uma responsabilidade que não esperava e teve necessidade de se informar previamente de todos os aspectos legais do caso, por não querer avançar com um processo de que não possuía informações suficientes.

Assim, contactou o SAAL, solicitando informações exactas sobre alguns pontos que considerou importantes:

1. Quais os diplomas que asseguram a base legal e financeira de uma intervenção desta natureza.

2. Quando foram publicados os dois diplomas a que se refere o despacho conjunto do Ministério da Administração Interna e do Equipamento Social e Ambiente de 31 de Julho de 1974.

A resposta às perguntas feitas não veio. Por isso, entendeu a Câmara que não poderia assumir a responsabilidade de um processo de que ignorava, e ignora ainda, muitos aspectos centrais.

Portanto, neste momento, a posição da Comissão Administrativa da Câmara resume-se nisto: se o SAAL quiser e puder avançar com o processo sob sua inteira responsabilidade, não põe a Câmara qualquer obstáculo. Mas se lhe for exigido que se responsabilize, terão de lhe ser entregues todos os dados necessários para poder agir com consciência e dentro dos condicionamentos legais. E isto não só por razões de ordem legal, mas até pela necessidade de actuar responsabilmente perante a população de um concelho onde os problemas de habitação são graves e não podem ser encarados aventureiramente, sob risco de o bem que se faz num lado vir a ser contestado noutros, e sem possibilidade de atender essas provavelmente justas contestações. Entretanto, a Câmara estaria disposta, para resolver a situação, a assumir a responsabilidade do processo em colaboração com a Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo, e estabelecendo o seguinte programa: 1.º — Expropriação e edificação rápida nos terrenos pertencentes aos herdeiros de Augusto Constante Pereira; 2.º — Alojamento das pessoas mais necessitadas e posterior actuação pontual nos casos de maior densidade populacional. Seria esta uma solução?



## CONCLUSÃO

«Maré Viva», no seu intuito de mostrar aos leitores todos os pontos de vista, ouviu todos os que poderiam contribuir para um melhor esclarecimento do caso. Mas o nosso interesse, neste assunto como em todos os que tratamos, não é, apenas, informar. Pretendemos também, com o nosso modesto esforço, ajudar a encontrar as soluções que pareçam mais justas e defendam os interesses dos mais explorados.

Nesta questão da Marinha defrontamo-nos com três verdades: a da Câmara, a do SAAL e a da Associação de Moradores. Cada um com a sua maneira de encarar o problema, mas todos, ao que parece, incapazes de o resolver. E isto porque a definição de uma política de habitação continua por se fazer, dois

anos após a saída do decreto de Julho de 74. Por isso a Câmara pode argumentar que não tem condições para agir por não saber o terreno que pisa, e assim como os elementos do SAAL podem defender os seus pontos de vista com a necessidade de se avançar mesmo sem cobertura legal. Mas, neste caso com que segurança? Quanto aos moradores da Marinha, esses continuam sem defesa.

E tudo isto após alguns governos que afirmavam fazer da sua base de trabalho a defesa dos interesses das camadas mais desprotegidas. Não se trata, afinal, de uma questão entre a Câmara e o SAAL, é muito mais grave do que isso. É todo um problema da política geral do País.

E, a não ser que a proposta da

Câmara (assumir a responsabilidade juntamente com a Secretaria de Estado) seja aceite, ou o SAAL esteja certo quando diz que o processo será desencadeado directamente de Lisboa, sem ser necessária a intervenção da Câmara, tudo acabará por falhar. Se assim acontecer, os moradores da Marinha estarão, dois anos depois, tal como estavam antes. Com uma diferença: muito mais desconfiados daqueles que os fazem sonhar com dias melhores e mais convencidos de uma verdade fatalista que se gostaria que desaparecesse: quem se lixa é o mexilhão.

Ou, noutro caso, cada vez mais convictos duma outra verdade bem importante: água mole em pedra dura...

CASA LUÍSA NOGUEIRA

**João César da Costa**

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

**J. PINHEIRO DE MORAES**

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

**MOREIRA DA COSTA**

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º — Telef. 921014

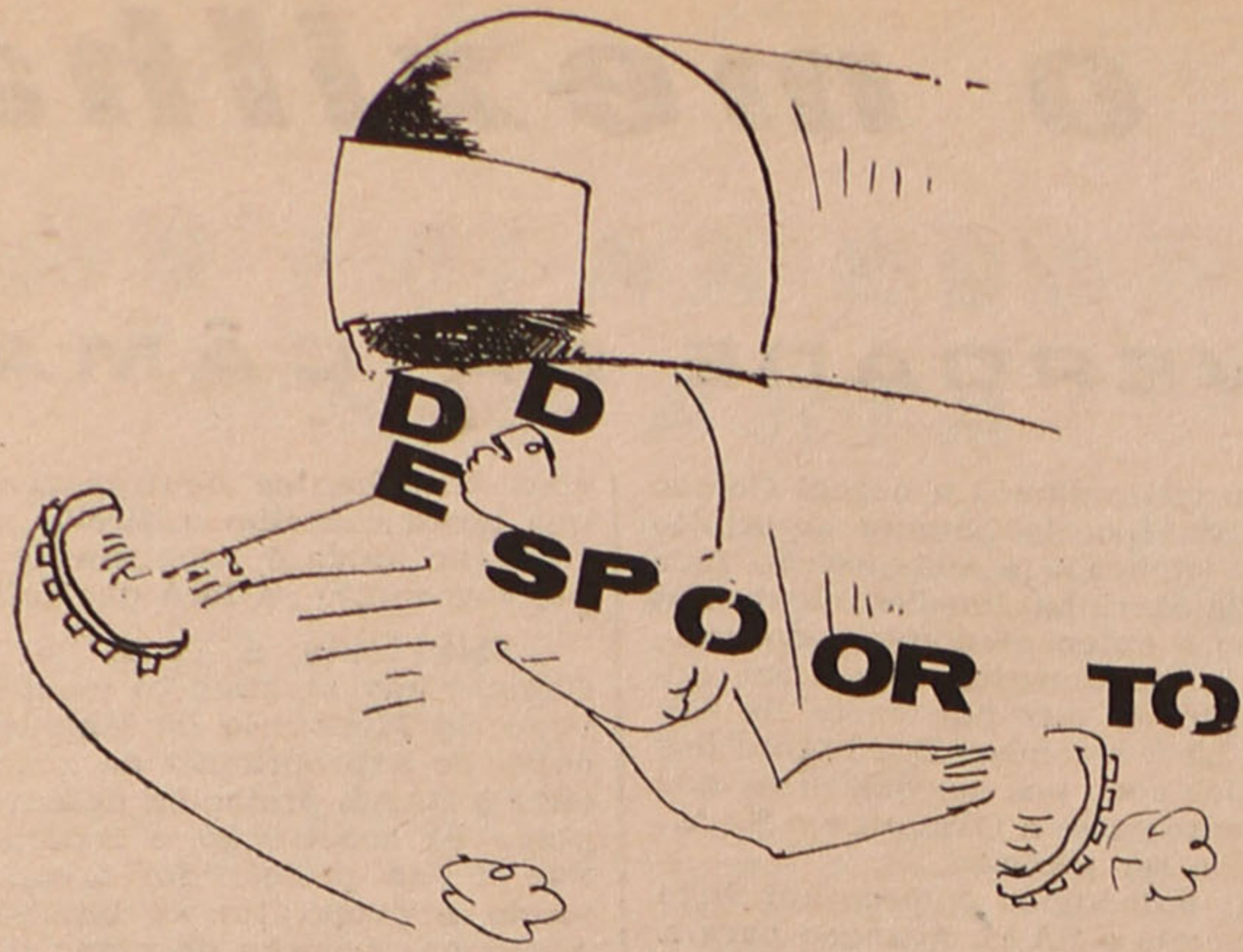
**PINTO DE MATOS**

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausanne e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO



# Desporto e capital

Perante os escândalos de futebol, o mal-estar dos clubes, a asfixia e a morte dos pequenos clubes de bairro, a falta de um autêntico desporto escolar e a mais baixa percentagem de praticantes de toda a Europa, fica-se com a certeza de que o peso da herança deixada pelo fascismo traduz uma profunda crise que as sucessivas propostas de reforma não puderam vencer.

É importante que se veja que não são as propostas apresentadas por certos dirigentes desportivos, e que se limitam a transferir para o desporto as perspectivas dos monopólios capitalistas, que poderão constituir as soluções mais adequadas para a grande crise desportiva. Falar em «concentração de clubes», nas cidades da província, a constituição da «confederação do desporto» como solução do desporto federado, a «regionalização desportiva» como resposta aos problemas do desenvolvimento do desporto, é cair numa visão tecnocrática que só tem por finalidade última não tocar nas actuais estruturas e garantir a continuidade dos privilégios daqueles que delas sempre se serviram.

O problema é fundamentalmente diferente e é perfeitamente clarificado quando se descobre que a história da prática desportiva mostra que ela não pode ser, nunca, encarada independentemente da situação geral em que se desenvolveu de forma separada, mas exclusivamente sob a influência determinante das necessidades da produção material e da prática social, cultural e política.

Convém, portanto, ao falar do desporto, não esquecer ou desconhecer que o seu desenvolvimento é, antes de tudo, um problema de natureza política directamente dependente das forças produtivas e que só poderá ser uma realidade quando no quadro social geral se tiver dado uma transformação progressista das actividades culturais, educativas e sociais. Uma das lutas fundamentais que é preciso travar no sector desportivo tem como sentido último liquidar a ideia reaccionária de que o desporto é uma actividade «neutra» e «pura», que deve afastar-se da luta política e viver longe dos interesses económicos.

Na verdade estas duas concepções traduzem o seguinte:

1. A forma mais grave de politizar o desporto é dizer que ele nada tem a ver com a política — isto permite que aqueles que dele sempre se serviram para os seus fins políticos fiquem, assim, plenamente à vontade para continuarem a utilizar o desporto nas costas dos verdadeiros desportistas;

2. O desporto «puro» só serve os interesses da minoria economicamente privilegiada que consegue, assim, afastar da prática desportiva todos aqueles que vêm das camadas sociais onde se vive com mais dificuldades.

A primeira tarefa a desenvolver é desmistificar as falsas concepções do desenvolvimento do desporto e verificar que o capital utilizou o terreno desportivo como qualquer outro dos sectores da prática social: fez dele um meio de obter lucro, sobretudo através de espectáculos publicitários e de competições onde predomina o carácter sensacionalista.

Uma tal tendência é antidemocrática por natureza:

- em primeiro lugar, porque se desinteressa de todos aqueles que não podem vir a constituir peças valiosas do espectáculo montado;
- em segundo lugar, porque desvia a atenção das massas trabalhadoras dos verdadeiros problemas da democratização desportiva.

Ora, nós defendemos que a actividade desportiva pode desempenhar um papel importante na formação do Homem, contribuindo para a melhoria das suas condições de vida, para um desenvolvimento pleno da sua personalidade e para o desenvolvimento da sociedade no seu conjunto. Tudo dependerá do lugar e das funções que a sociedade atribuir ao desporto, mas a questão só poderá vir a ser resolvida numa sociedade democrática e em que os interesses dominantes sejam os das massas populares.

in «Papel Social do Desporto»

## Jantar - convívio do S. C. ESPINHO

Realizou-se na passada segunda-feira, dia 5, no Restaurante Cabana, o Jantar de Confraternização do S. C. Espinho que contou com a presença de cerca de 130 associados.

Note-se que o reduzido número de presenças nesta reunião-convívio dum clube com as dimensões do S. C. Espinho explica-se pelas características do jantar, que mais não era do que um «convite à valsa» num autêntico «convívio de subscrição», preparado para os mais «doentes», os mais dedicados com melhor «preparação física de escudos»...

Não se trata, longe disso, de intenção dos organizadores de fazerem discriminação social, mas sim duma primeira plataforma estável para o lançamento de uma campanha de fundos.

Depois de entrados na parte mais substancial do repasto, iniciou o «ataque» António Alberto Alves, presidente da Assembleia Geral que expôs a situação do Clube e apontou o trabalho de sacrifício desenvolvido pela Direcção prestes a cessar o seu mandato. Mais acentuou a lição de desportivismo dada pelo F. C. Gil Vicente de Barcelos, em sua «casa» no jogo da segunda volta, como «resposta» aos maus tratos sofridos no «desmando» de parte da assistência espinhense no jogo da primeira volta.

Depois de agradecer à Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho o auxílio prestado numa circunstância muito difícil do Clube e de agradecer também o trabalho desenvolvido pela Comissão de Trabalho da Tómbola, terminou pedindo a união de esforços junto da nova Direcção encabeçada por José Soares de Pinho, uma autêntica dedicação ao S.C.E.

De seguida, tomou a palavra o dr. Lito Gomes de Almeida que marcou o valor do SCE através do seu futebol como

factor de propaganda de Espinho, sem esquecer toda a actividade meritória desenvolvida nas secções de desporto amador. Terminou frisando bem a necessidade duma arrancada imediata de angariação de meios para enfrentar o problema dos jogadores, pois, infelizmente, já alguns dos atletas da época passada se tinham «passado» para outras paragens.

Marçal Duarte, presidente cessante do Clube, depois de confessar os «trabalhos» e provações passadas, agradeceu a colaboração recebida e fez votos para que a nau do velho Sporting entre em águas mais calmas e avance empurrada por ventos da boa fortuna.

José Soares de Pinho, presidente designado, com o seu estilo característico feito de sinceridade e entusiasmo, marcou a confiança no futuro desde que todos queiram colaborar.

A finalizar a reunião, António Gaio, representando a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho, referiu que não havia lugar para agradecimentos à Câmara, pois esta nunca se poderia alhear da existência da força social que o Sporting representa em Espinho. Numa circunstância difícil, quando a Direcção aflita lhe «bateu à porta», a Câmara não podia «virar as costas», a má atitude de menos consideração por toda uma actividade que ultrapassa o futebol e se torna factor de valorização desportiva e social. Ao conceder um subsídio extraordinário ao S.C.E., fê-lo não para «tapar furos» do futebol, mas sim para ajudar a salvar um todo valioso de potencial educativo. Finalizou apelando para a contribuição dos associados, mantendo vivas as virtudes duma associação desportiva que bem pode desempenhar um papel preponderante de convívio e aproximação social.

## Notícias da A.A.E.

### HÓQUEI EM PATINS

#### Campeonato Regional de Infantis

Sábado, 3:

F. C. Porto, 8 — A.A.E. (B), 2  
Pacense, 5 — A.A.E. (A), 13

Terça-feira, 6:

A.A.E. (B), 3 — Pacense, 8  
A.A.E. (A), 18 — Ovarense, 1

Enquanto a equipa (B) continua a comportar-se condignamente como o atesta o seu lugar a meio da tabela, a equipa «A» prossegue invicta no primeiro lugar e continua a construir goleadas.

No jogo de sábado (que vimos), o rinque de cimento foi obstáculo para os «AA» que sentiram dificuldades na adaptação. Com uma excepção: a de Vitor Hugo que culminou a sua excelente exibição com a obtenção de 3 golos. Um resultado normal, ao fim e ao cabo, apesar dos 5 tentos consentidos ultrapassarem o que é habitual. A explicação estará (?) na utilização do guarda-redes suplente que, muito promissor, não tem naturalmente a rotina que o lugar exige. Uma questão do tempo. Saliente-se ainda a ausência do outro avançado (Gabriel Gil) para além do guarda-redes Victor.

Espera-se entretanto que a equipa alinhe completa no jogo nas Antas com o F. C. do Porto, segundo classificado, e que será decisivo (esperamos) para a revalidação do título regional. Lá estaremos amanhã.

★

#### Campeonato Regional de Iniciados

A equipa da A.A.E., que já garantiu o segundo lugar na sua série atrás do Clube Hóquei dos Carvalhos, desloca-se amanhã a S. João da Madeira para defrontar o clube local.

★

Uma boa notícia para a Escola de Patinagem que tão bom trabalho tem vindo a desenvolver. A D.G.D. e a Federação de Patinagem deram a conhecer que em breve serão fornecidos os patins indispensáveis para o alargamento da acção daquela Escola.

Se atendermos a que um par de patins pode custar de 400\$00 a 5.000\$00

(para competição) e que ao longo dos sete anos de vida da Escola de Patinaagem só foram fornecidos doze pares de patins, facilmente se compreenderá a importância que este fornecimento poderá ter na abertura da prática da patinagem aos jovens das classes mais desfavorecidas.

Assim se poderão concretizar os desejos dos responsáveis da patinagem, já que o Clube não dispõe de verba para o efeito.

★

A secção de Hóquei em Campo parece estar em vias de conseguir uma velha aspiração: um campo privativo para as suas equipas. Embora nada haja ainda em concreto, poderá vir a ser um factor importante para a revitalização do hóquei em campo na cidade, pois os jogadores das várias equipas da secção vêm-se obrigados a saltar de campo para campo e a deslocações múltiplas para os treinos e os jogos «em casa».

★

Sabemos estar em vias de conclusão um projecto (ambicioso, dizem) de remodelação e ampliação do pavilhão da A.A.E. Daqui manifestamos o nosso interesse e, por certo, dos sócios e simpatizantes do Clube, em sabermos mais portemente da iniciativa.

★

Estão desde já abertas as inscrições para o VII Torneio de Futebol de Salão da A.A.E. que se disputará em Agosto e se destina, como é hábito, a atletas não federados.

★

Está para muito breve a convocação duma Assembleia Geral dos sócios do Clube para revisão dos Estatutos que se têm revelado desactualizados face à nova dinâmica da A.A.E.

### HÓQUEI EM CAMPO

#### Campeonato Nacional

União de Lamas, 3 — Ramaldense, 3

Entre o Campeão Regional do Porto e o Campeão Nacional, um jogo fértil em golos e, infelizmente, em incidentes.

# DROGA:

## EXIBICIONISMO OU CONTESTAÇÃO?

O leitor já alguma vez se drogou? E o seu filho, tem a certeza de que ele nunca esteve numa roda de amigos em que passassem um cigarro de mão em mão? Seja como for, vamos apostar que o assunto o preocupa. A nós também. É que nos custa ver tantos jovens adormecidos.

A Escola Técnica, através do 1.º Ano Unificado, tomou posição, lançando uma campanha anti-droga. A P.S.P. (ou a Judiciária) tem andado activa, fazendo rusgas e procedendo a averiguações.

«MARÉ VIVA» gosta de olhar para a realidade. Com olhos de ver. Para poder ajudar a perceber e a optar. Por isso, aqui juntamos dois textos que julgamos irão adiantar alguma coisa ao que o leitor pensa sobre o problema droga. Pense. Mas, se possível aja duas vezes antes de pensar.

Quando se fala em droga, surge muitas vezes a ideia de que quem se droga faz isso muito por exibicionismo. Mas se isto tem o seu fundo de verdade, não é menos certo que há muitos outros motivos. Ninguém duvida que entre os drogados existem, por exemplo, muitos casos de inadaptabilidade social. Na verdade, muitos dos drogados de hoje são jovens (ou não) que a certa altura sentiram as pressões a que a sociedade os sujeita e procuraram a saída. Mas poder-se-á perguntar: a que conduz esta perigosa e incorrecta forma de fuga a uma sociedade onde não se sentem bem? Não podemos ignorar que a sociedade ao organizar-se como exclusiva de pessoas que aceitam certos padrões de vida cria à sua volta os mundos marginais que menos incomodem. É o caso da droga. Assim, e quando muitos daqueles que se drogam para fugirem à sua vida sem sentido ou à inadaptabilidade social pensam contestar correctamente, não fazem mais do

que alinhar nas estruturas a que a própria sociedade recorre para expulsar, com o menor número de inconveniências possível, aquilo que considera os seus «excrementos». É bastante lógico que a uma sociedade pouco disposta a modificar-se interessará mais ter uma juventude contestatária sob os efeitos estupidificantes da droga, do que aguentá-la em toda a sua pujança criadora. Assim, a luta que devemos desenvolver contra a utilização da droga deve ser a de apontar os caminhos que tendam a acabar com a sociedade a qual ela é tão necessária.

Mas é verdade que entre os drogados existem diferentes grupos que também em Espinho se notam. Há os drogados que escolheram o parasitismo puro e simples. Desviados da vida social por razões de toda a ordem, caem na droga e dependem, para muitas coisas, daquele que lhes pagar melhor. Existem ainda os drogados que aspiram, por linhas tortas, a um nível

social mais elevado e por isso tentam imitar o que os ricos fazem. É o grupo mais lastimoso, pois mostra até onde a atracção capitalista pode fazer esquecer a consciência de classe. Por outro lado, temos hoje em dia os representantes daquilo que foram os «Hippies» nos fins dos anos 60, com ideais muito desviados dos que defendiam os seus precursores, e também integrados na actual sociedade. Por último existe um grupo privilegiado de drogados constituído por aqueles que, mediante uma «filosofia» bem organizada, explicam o seu erro. Normalmente não abandonam o seu modo de vida burguês, ao qual juntam a droga. Ao lado destes grupos bem definidos existem casos mais raros, como seja o de pessoas de certa idade, empregados que levam uma vida de tédio, etc.

Todos eles apontam para uma «contestação» contra qualquer coisa. Mas o actual sistema social e económico, com as suas bem montadas redes publicitárias e a defesa de um modo de vida egoísta e baseada na exploração, integra a seu lado todos estes casos de marginalidade social. Isto é tanto mais verdade quanto é certo que na esmagadora maioria os drogados se reconhecem como adeptos fiéis do modo de vida da sociedade que os fez. Sociedade da qual muitos deles vêm e à qual muitos outros aspiram vir a pertencer.



## UNICOOPE

União Cooperativa Abastecedora, S.C.R.L.

Rua Álvaro Gomes, 112 — PORTO  
Telefones: 684606, 685554 e 685556

— Secção Local de Espinho/Grijó —

### REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS

Convocam-se os sócios, para uma Reunião Geral de Sócios, a realizar no próximo dia 11 de Julho, pelas 9 horas, nas instalações do CAT da COTESI em Grijó.

Constam como pontos da Agenda:

- 1.º — Situação actual.
- 2.º — Perspectivas futuras.

Assim, nesta Reunião serão debatidos problemas que partindo da situação actual, passando pela informação das resoluções tomadas na última Assembleia Geral da UNICOOPE, permitam perspectivar o futuro quer da Secção Local, quer de cada um dos DOMUS, através da participação activa dos sócios e trabalhadores.

Porto, 29 de Junho de 1976.

O Presidente da Mesa da A. Geral,

a) José Ferreira Oliveira Salvador

## MARÉ VIVA

O JORNAL DA REGIÃO

## Tribunal Judicial da Comarca de Espinho

### Anúncio

1.ª PUBLICAÇÃO

O Doutor Francisco Diogo Fernandes, Juiz de Direito da Comarca de Espinho:

Faz saber que na Acção Ordinária de divórcio litigioso com o n.º 16/76/2.ª, pendente neste Tribunal, movida pela autora MARIA DA COSTA OLIVEIRA REIS, casada, doméstica, moradora na Rua 18 n.º 104 nesta cidade de Espinho contra o réu JOSE CLEMENTE DOS REIS, casado, operário, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua 18 n.º 104, desta cidade, é este réu citado, para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de finda a dilação mínima — trinta dias — contados da data da 2.ª publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que a Autora deduz naquele processo e que consiste em decretar-se o divórcio entre A. e R. e ainda para contestar o pedido de benefício de Assistência Judiciária no mesmo prazo.

Espinho, 18 de Junho de 1976.

O Juiz de Direito,  
Francisco Diogo Fernandes

O Ajudante,

Américo Cordeiro Mora

«Maré Viva», — 9.7.76 — N.º 3

## Vende-se

Automóvel OPEL 1900/L

130 mil km. — 1.ª mão

Rua 7 n.º 497 — ESPINHO

## Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

SEIXEZELO  
ARGONCILHE

APARTADO 13

## A droga por dentro

Visto por dentro, o problema da droga é bem diferente daquilo que a maioria das pessoas poderia pensar. Uma análise das ideias e razões dos drogados poderá, de alguma forma, ajudar a conhecer melhor a situação e conhece-lo melhor é importante para quem quer fazer mais do que apenas dizer que «é uma pouca vergonha» e «isto é tudo culpa do 25 de Abril». Atentemos primeiro em alguns casos pessoais, tal como, com toda a simplicidade, nos foram contados pelos próprios. Terá talvez interesse saber-se que estas afirmações pertencem a jovens entre os 13 e os 17 anos:

«Eu comecei porque dois tipos me convidaram para fumar «boi». E agora, quando não tenho sinto falta, e até faço os possíveis para ter, mesmo que... faço os possíveis por ter».

«A minha mãe desconfia que eu uso droga, mas eu digo sempre que não e que só tomo às vezes uns comprimidos para estudar melhor. Ela diz que disso não se importa mas se soubesse que eu me drogava, matava-se».

«Quando começarem as aulas, só vai ser ao fim-de-semana. Acho que vou aguentar. O «boi» faz esquecer e via-me à rasca para estudar. Não ouvia «puto» nas aulas, só imaginava coisas bestiais, belezas, paraísos, não ligava nada à professora».

«Já há alguns anos que tenho problemas com os meus pais. Estivemos em Angola, aquilo lá corria «porreiro», os meus pais não ligavam nada. Saíamos, fazíamos isto e aquilo. Vieram para cá e começaram a querer-se impor: eu não podia fazer isto, nem aquilo, nem aqueloutro. A princípio fazia o que eles mandavam. Depois comecei a crescer e a pensar: eu preciso de viver, não vou passar a vida a fazer o que eles querem. Está certo que eles querem o meu bem, mas há coisas que estão bem e outras que estão mal, portanto faço como penso que está bem. Este ano os meus pais puseram-me fora de casa. Começaram primeiro a «chatear-me», a tratar-me mal e eu ia ficando zangada e acabei por sair. Saí e vim para casa duma amiga, mas qualquer dia volto».

«Eu penso que fumar «boi» é como fumar SG Filtro, não faz mal nenhum. Agora se for «ácido»... tá bem, isso cuidado, nunca o vi na minha frente nem o quero ver. Não sei, só se um dia estiver muito desesperada. Se eu com o «boi» já me sinto tão «porreira» para que é que hei-de passar além disso?».

Mas nem só os casos pessoais

interessam. Há outros pontos de vista dos drogados que merecem uma reflexão. Ouçamos algumas das suas ideias quanto a aspectos gerais da situação em que se encontram:

«A droga funciona também muito como libertadora da nossa consciência crítica. A consciência crítica foi introduzida no indivíduo para que ele pudesse relacionar-se com o meio onde vive, quer dizer, com o meio onde vivem os pais. Os pais educam-nos nesse sentido, para interessarem a «malta» num determinado esquema social. Através da droga podemos libertar-nos dessa educação e ligar-nos a um grupo só nosso. E assim o indivíduo pode ser cada vez mais igual a si próprio, não dependente dos valores que os pais lhe transmitiram, mas acreditando naqueles que ele próprio descobriu».

«Ao fim e ao cabo também nisto do mercado da droga há chefes. Isto é, aquele que tem grande quantidade de droga põe aquele que não tem nada, nem dinheiro para comprar, a vender pequenas quantidades. Assim, o que tem grandes quantidades será o «big-dealer» (negociante) e o pequeno consumidor acaba por dar em «puxa» (aliciador) e vendedor de pequenas quantidades».

«Mesmo entre nós cria-se muitas vezes o receio da escravização perante a droga e das alterações mentais e físicas que drogas mais fortes como o ópio, a cocaína, etc., poderão trazer, de forma que a «malta» não vai para aí. Fica-se num meio-termo que produz prazer e que se considera suficiente. Além de que o uso do «ácido» já exige condições especiais, não se pode utilizar na rua, por exemplo, e é mais caro. Há um ou outro que o usa, mas a maioria limita-se ao «boi», até porque é esta droga que ajuda a criar as relações entre os membros do grupo, a criar o «clan» (grupo)».

«A verdade é que quanto mais divulgado estiver o uso da droga mais segurança se tem. Por isso é que temos interesse na sua divulgação. Mas também é verdade que o uso da droga se torna muitas vezes o único ponto comum face a uma sociedade hostil, porque as origens sociais dos drogados são frequentemente muito diferentes. Divulgando-se a droga cria-se uma grande família e desenvolvem-se laços afectivos entre a «malta», independentemente da sua classe social. E essas relações de amizade é que vão despertar a curiosidade de outros que também acabam por entrar».

# 100% de sexo ou de imbecilidade?

Quilogramas de carne em exposição num palco numa sala de espectáculos cá do burgo. Farta publicidade, sugestivos cartazes, grandes títulos, exuberantes fotos e olhos arregalados, suspensos perante uma hipótese aliciante de imaginável noite «eventualmente chocante».

A senhora de idade, completamente mergulhada em negras e sóbrias vestes, bengala de castão de prata, seculares princípios, persigna-se horrorizada perante «tanta imoralidade, tanta perversão». O chá das cinco, o pó das fotografias dos antepassados e dos vasos de porcelana, os horários rígidos, obstáculos inultrapassáveis ao que se chama «o único espectáculo do género»!

Cabelos grisalhos, protuberante estômago, fogosas recordações, secretos desejos de assistir a «100% de Sexo»!

O marialva cá do sítio, cabelo esvoaçando, peitorais em exibição, compra o seu bilhete, enquanto carrega o sobrolho perante as curvas da jovem que parece indecisa em entrar ou não naquele «super-festival de sexo».

Com indecisões, repugnância sincera ou velada, o que se conclui é que as cadeiras se encheram por completo de atentos e nervosos espectadores

Os seios da Yuki, as pernas da loura platinada, os trejeitos do brasileiro pretendente a cómico arrancam palmas, suspiros, interruptos ruídos nos assentos e 100% de lucros dos seus promotores. Da capital à província, a máquina alastra os seus tentáculos demonstrando de forma evidente como tudo aquilo que é imbecil continua neste país a ser profundamente rentável!

M. G.

# AVENIDA DOS CORDEIRINHOS

1. Contaram-me há tempos uma história.

Era um indivíduo pouco dado às coisas da religião. Por tudo o que tinha ouvido ao longo de muitos anos, quando ouvia falar de céu pensava logo num lugar monótono, aborrecido, onde não havia nada que fazer. Mesmo que fosse muito lindo... não passava disso. Um seu amigo, crente ferrenho, tentava convencê-lo do contrário. Que não, que o céu não era nada chato, era sim a suprema felicidade, o supremo descanso, onde não havia tempo, nem espaço, nem trabalho, nem espera. O outro não ia na conversa:

— Mas que é que se faz no céu, para ser tão bom?

— É como se fôssemos todos cordeirinhos, num prado maravilhoso, tendo Nossa Senhora como pastor a tratar de nós. Não achas tão bom, a Virgem a olhar para nós, seus cordeirinhos?

— Ai, sim? — volta-lhe o outro. E nós, que fazemos?

— Bem, nós olhamos para Nossa Senhora...

2. Outra história. Outra versão.

Alguns anos atrás contactei com muitos turistas estrangeiros que vinham até Espinho. Costumavam chegar à tarde, e na primeira noite lá davam o seu passeiozito de «reconhecimento» pela baixa espinhense. Pois na manhã seguinte lá vinha a pergunta do costume:

— Olhe, amigo, fui ontem à noite dar uma volta e passei naquela rua lá em baixo (a Avenida). Reparei que as cadeiras dos cafés estavam cheias e que a própria rua abarrotava de gente que

passeava para trás e para diante e para trás e para diante e para trás... Lá andei um pedaço, olhei aqui e além, observei intrigado, mas não descobri o que tinha acontecido.

E a pergunta intrigadíssima:

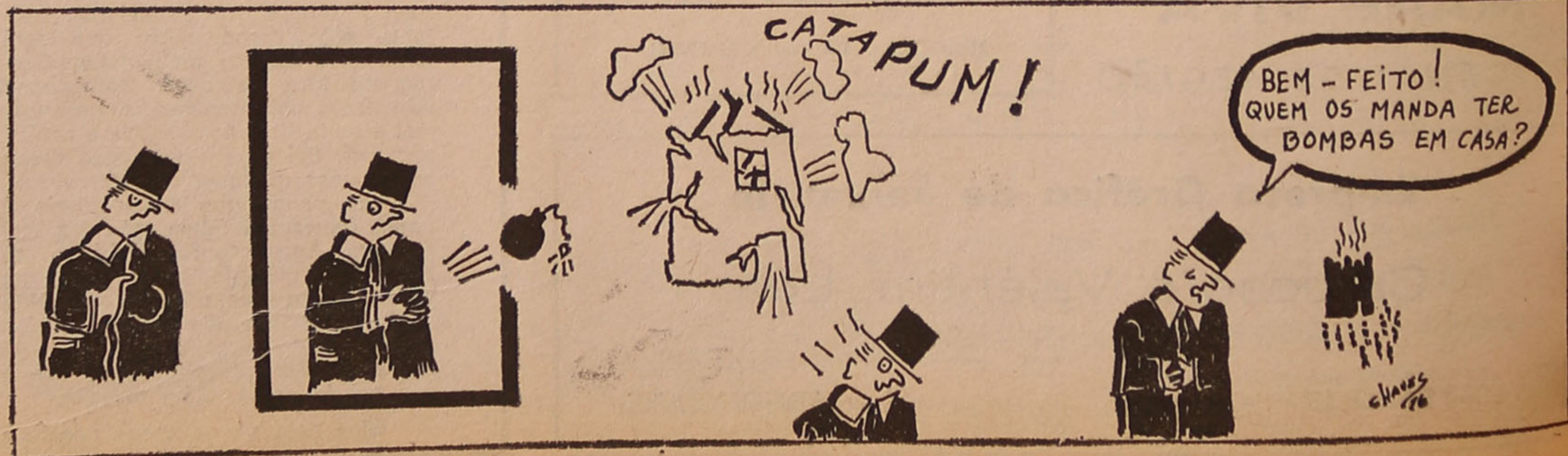
— Mas que anda toda aquela gente lá a fazer? Ainda se fosse ao pé do mar, que é bonito... Mas ali!

Eu não sabia que responder. Ficava um pouco embaçado, lá dizia que não andavam a fazer nada, andavam só a descontrair e a digerir o jantar. Dizia que as pessoas sentadas estavam a tomar o seu café e a olhar para as que passeavam.

— E as que passeiam? — era a questão seguinte.

— Bem, essas andam a olhar para as que estão sentadas...

3. Moral das histórias: o que é preciso é fé...



# BOLSA DOS LIVROS

«MARE VIVA» inicia hoje a secção «Bolsa dos Livros», onde semanalmente daremos conta aos nossos leitores dos 5 livros mais vendidos em Espi-

nho, após sondagens feitas às livrarias da cidade.

Vejamos, pois, quais foram os «5 mais», na semana de 28/6 a 3/7:

Título da obra	Autor	Editor	Preço
«De Conakry ao MDLP»	Alpoim Calvão	Intervenção	140\$00
«26 Anos na União Soviética»	Chico da Cuf	Afrodite	130\$00
«Constituição da República Portuguesa»	—	*	*
«A Burla do 28 de Setembro»	António Maria Pereira	Bertrand	150\$00
«O Triunfo dos Porcos»	George Orwell	DIG	50\$00

\* NOTA: A «Constituição» vendeu-se em 2 edições: a da Imprensa Nacional — Casa da Moeda — 20\$00 e a anotada — Edição Bertrand — 140\$00.

Para a obtenção dos dados para elaborarmos esta «classificação» recorreremos às livrarias: ABC, Académica, Arlindo, Atlântico Norte, Jorge Velhote e Livralia.

Aqui fica o nosso agradecimento.

## BREVE COMENTÁRIO :

Duma maneira geral, esta tabela não se afasta muito das que se têm elaborado pelo País. Pelos vistos, o mal é geral. De salientar o 1.º lugar de Alpoim Calvão que, após as célebres entrevistas concedidas ao sr. Barradas (com «boneco» e tudo) resolveu ir mais longe e narrar as suas viagens «orgulhosamente só» começando em Conakry para terminar (?) no «democrático» MDLP, extinto segundo alguns, bem vivo, segundo outros. O que é um facto é que a obra vai-se vendendo o que poderá significar que «algo vai mal no reino de Portugal»!

Outra nota, esta de sentido contrário, é a salutar constatação de que a Constituição da República Portuguesa,

uma das mais válidas conquistas do 25 de Abril, tem suscitado o interesse dos cidadãos. Efectivamente não há nada como sabermos o terreno onde nos movimentamos...

Aparece em 5.º lugar um livro de autor estrangeiro (George Orwell) que nos é desconhecido. Num breve folhear do livro em questão («O triunfo dos porcos») ficamos a saber que o autor «sempre lutou contra todos os totalitarismos». Como esta frase tem sido muito usada ultimamente, ficamos na dúvida...

De outras obras que atingiram altos níveis de venda, porém não o suficiente para figurarem nos «5 mais», aparece «A resistência» de Gomes Mota, ed. «Expresso», que, quanto a nós, poderá subir, a confirmar-se a actual tendência.

Outro livro que aparece, com sinal ascensional, graças a uma poderosa máquina publicitária (USA type) é o tão falado «TUBARÃO». É, de facto, o que mais há por aí...

Curiosamente, e para concluir, numa das livrarias citadas, surge como 2.º mais vendido, um clássico da literatura portuguesa. Referimo-nos a «Os Maias» do sempre actual Eça.

Vejamos o que o mercado livreiro nos reserva para a próxima semana.

# NASCENTE — Cineclube

A Cooperativa Nascente leva a efeito no próximo dia 12, segunda-feira, às 21,30 horas, no Teatro S. Pedro, uma sessão de cineclube com o filme «Um Rei em Nova Iorque» de Charles Chaplin.

A entrada será reservada aos sócios da Cooperativa. No entanto aceitam-se inscrições antes do início da sessão.

Podemos entretanto adiantar que o Departamento Cultural da Cooperativa tem ainda outros planos de actividades para o corrente mês. E daqui fazemos o convite a quem estiver interessado em ajudar a levar a cabo o que se pensa fazer.

Apareça, o Departamento Cultural precisa de si.  
Local de trabalho — Rua 62 N.º 251 — 1.º, à noite.

DIRECTOR (M...  
Ve...  
e...  
Ao i...  
gumas ideias...  
é o Verão...  
Não...  
bado sobre...  
análise futu...  
Para...  
ticas e ten...  
mo local...  
Ho...  
em...  
A assist...  
um probl...  
objecto de...  
qual se proc...  
permitam no...  
ção das clas...  
nomicamente...  
te. Se a resol...  
apenas pela...  
pela sua ren...  
três a import...  
turação dum...  
cia, que se q...  
Entre n...  
congregado...  
polizado a di...  
de na região...  
Não se pode...  
este hospita...  
convergência...  
vinda de E...  
do próprio...  
e sobrecar...  
hospitales...  
seque para...  
Dai o tr...  
saber o que...  
pítal, o de...  
numa fase...  
pode ser esq...  
desempenhar...  
da assistên...  
ventura, pel...  
absorção de...  
o Hospital d...  
Este n...  
justificar, co...  
trevista que...  
de Oliveira...  
pítal de Oe...  
Instaladora...  
ram largam...